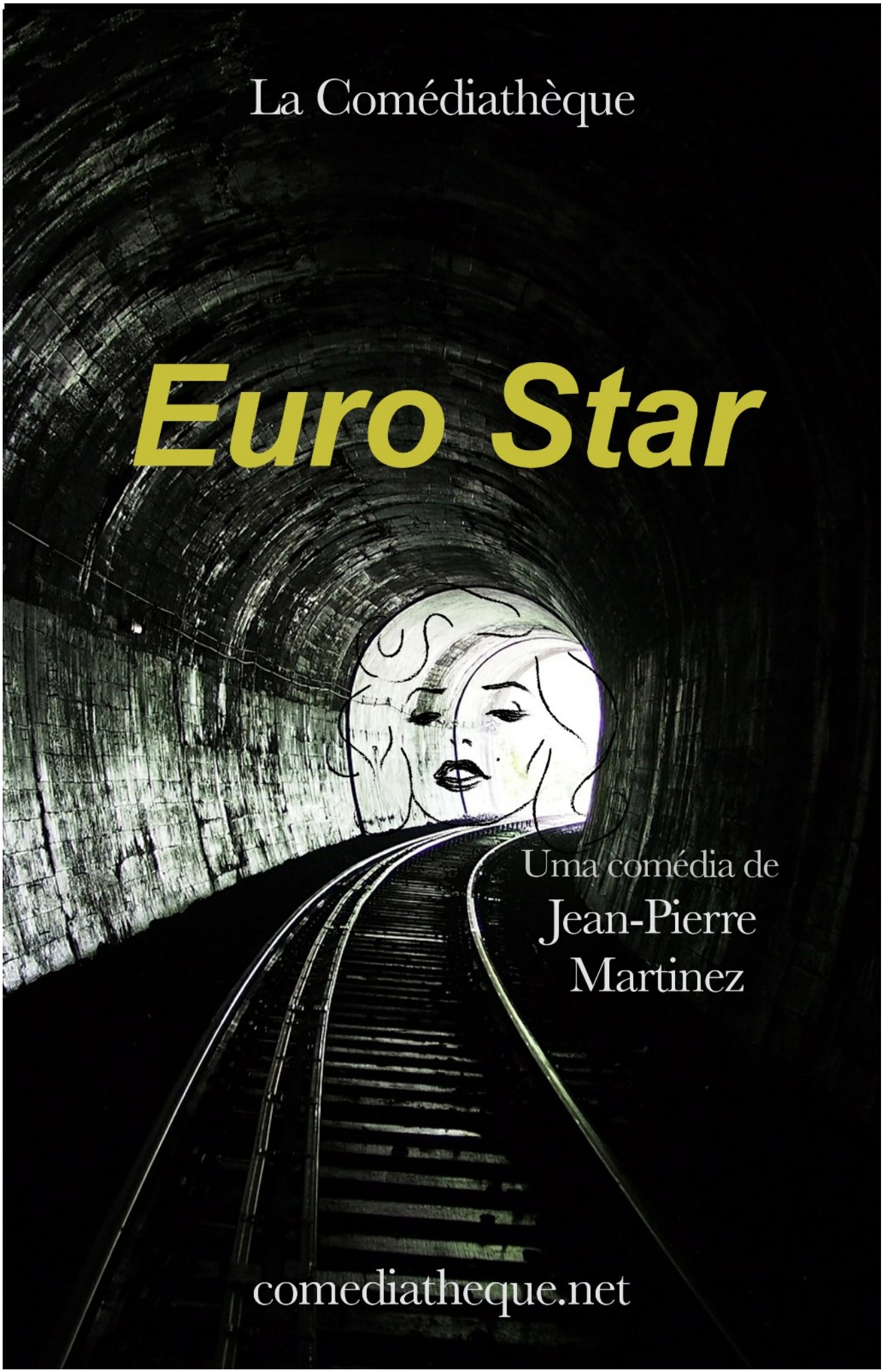
La Comédiathèque

Euro Star



Uma comédia de

Jean-Pierre Martinez

comediatheque.net

Este texto pode ser lido e descarregado gratuitamente. Qualquer representação pública, profissional ou amadora, mesmo gratuita, requer autorização prévia e o pagamento dos respetivos direitos de autor. Solicitar autorização: https://jeanpierremartinez.net/pt/contato/

Euro Star

Jean-Pierre Martinez

Tradução pelo próprio autor

Um conhecido realizador de cinema e uma atriz ambiciosa encontram-se, aparentemente por acaso, frente a frente no Eurostar com destino a Londres. Ela vai a um casting para o próximo filme dele e está disposta a tudo para conseguir o papel que a tornará famosa. Ele deixa-se seduzir, mas hesita em ir mais longe... Até que o comboio para em pleno túnel da Mancha. Será uma avaria providencial? Neste jogo de aparências, porém, ele não é quem ela julga — e talvez ela também não seja quem ele imagina...

PERSONAGENS

Arthur

Marilyn

© La Comédiathèque

ATO I

Dois bancos frente a frente numa carruagem do Eurostar. Sobre um deles está uma mala. O «quarto muro», do lado do público, representa uma janela por onde as personagens poderão olhar. Arthur entra com um saco de viagem. Pode ter entre trinta e quarenta anos, ou ser mais velho. Tem um ar descontraído e um tanto vulgar. Ao passar pelos lugares, parece reconhecer a mala e prepara-se para se sentar, quando o telemóvel toca. Atende, visivelmente apressado.

Arthur – Sim, Fred... Estou no comboio... Prometi à minha mulher que a levava a Londres para celebrar o nosso aniversário de casamento. Não sou grande fã dessas comemorações e detesto a Inglaterra, mas já sabes como é... Num casamento, temos de fazer concessões! Foi em Londres que conheci a Cristina. Reservei um quarto no bed and breakfast onde passámos a nossa primeira noite juntos. Romântico, não achas? Ainda bem que não nos conhecemos num hotel de luxo em Bora Bora... Dois bilhetes para Londres, mesmo em primeira classe, saem muito mais baratos do que umas férias na Polinésia. Por sorte, viemos com antecedência. Sabes que sou claustrofóbico e a ideia de atravessar o túnel da Mancha deixa-me nervoso... Mas tenho ainda mais medo de andar de avião, e de barco seria mais demorado. Só não contava com as formalidades para embarcar! Quase três quartos de hora no controlo de segurança. Mais valia ter vindo a nado! Com tanta revista e interrogatório, parecia que ia entrar numa prisão. Um segurança com ar de sargento quase me pôs em cuecas à procura de uma bomba escondida... Ainda por cima, fiquei tão nervoso que quase embarcava sem voltar a calçar os sapatos. Imaginas-me a chegar a Londres descalço, no dia do nosso aniversário? Enfim, agora já estou no Eurostar. Posso começar a relaxar... A Cristina? Não faço ideia do que anda a fazer. Fui trocar dinheiro por libras e combinámos encontrar-nos na carruagem, mas não a vejo. No entanto, a mala dela está aqui... Espera, é ela que me está a ligar. Depois telefono-te, Fred. Até já!

Muda de chamada no telemóvel.

Arthur – Cristina? Onde é que te meteste? No quiosque? O comboio está prestes a partir! Se não têm a revista que queres, compra outra. São todas mais ou menos iguais, não são? *(Baixando a voz)* Sim, trouxe as libras. Mil libras devem chegar para uns dias em Londres. Não gosto de andar com tanto dinheiro no bolso, mas disseram-me que era melhor trocar antes de chegar. Já agora, vê se me compras um jornal desportivo. Não, uma revista de futebol não é a mesma coisa! Mas despacha-te, por amor de Deus! Está bem, até já. *(Mais carinhoso)* Um beijinho para ti também...

Guarda o telemóvel.

Arthur – Belo começo de viagem... *(Põe o saco no banco ao lado, senta-se e fica uns instantes a olhar em frente.)* Quarenta quilómetros debaixo do mar! Eu que até fico nervoso num túnel do metro... Que pesadelo! *(Tira uma pequena garrafa de bebida do bolso e dá um gole.)* Ainda bem que trouxe um calmante.

Entra Marilyn, puxando uma pequena mala de rodas, própria para levar na cabine de um avião. Pode ter vinte ou trinta anos. Não precisa de ser uma beleza deslumbrante, mas veste-se de forma provocante. Ao passar por Arthur, parece

reconhecê-lo. Arthur não repara nela e prepara-se para beber mais um gole quando Marilyn volta atrás.

Marilyn – Desculpa, mas acho que a tua mala está sentada no meu lugar...

Surpreendido, Arthur guarda apressadamente a garrafa no bolso, sem a tapar.

Arthur – Ah... Desculpa... Pensei que... Claro, vou tirá-la já.

Levanta-se e afasta a mala para libertar o lugar. Ao voltar-se para arrumar a sua, Marilyn oferece-lhe uma vista sugestiva. Arthur finge olhar pela janela para afastar os maus pensamentos. Ela senta-se à sua frente e começa a fitá-lo com um sorriso embasbacado. Arthur procura disfarçar o embaraço. O silêncio é interrompido por um anúncio.

Voz off – O Eurostar número 3212, com destino a Londres St Pancras, está prestes a partir. Atenção ao fecho automático das portas.

Arthur *(para si)* – Não... Não pode ser...

Arthur olha aflito pela janela. Marilyn também observa a plataforma a ficar para trás.

Marilyn *(sorrindo)* – Foi por um triz...

Arthur sorri-lhe por cortesia e marca nervosamente o número da mulher. Ninguém atende.

Arthur – Isto é um pesadelo...

Marilyn continua a olhar fixamente para ele. Arthur apercebe-se, embora tente disfarçar. Embaraçado, mas também um pouco lisonjeado, acaba por levantar os olhos.

Marilyn – Desculpa estar a olhar para ti desta maneira, mas... reconheci-te logo que te vi.

Arthur fica sem palavras, completamente apanhado de surpresa.

Marilyn – Desculpa, a sério... Juro que não fiz nada para provocar este encontro. Foi pura coincidência... *(A brincar)* Ou talvez seja o destino.

Arthur – O destino...?

Ela estende-lhe a mão e apresenta-se.

Marilyn – Marilyn Milor. Sou atriz.

Surpreendido, ele aperta-lhe a mão.

Marilyn – Vou a Londres fazer o casting para o teu próximo filme. Nunca imaginei que acabasse sentada à tua frente no comboio!

Arthur – Nem eu...

Marilyn – Adorei o guião. E não estou a dizer isto para te bajular. Embora fosse capaz de matar todas as minhas rivais para conseguir aquele papel...

Arthur – A sério...?

O telemóvel de Arthur começa a tocar, mas ele fica tão desconcertado que demora a reagir.

Marilyn – Não te quero incomodar. É melhor ir ao bar tentar acalmar-me um pouco. Afinal, temos a viagem inteira pela frente... Trago-te um café?

Arthur – Porque não...?

Marilyn – Estou tão nervosa... Não sei se um café é o melhor para me acalmar, mas enfim... Com açúcar?

Arthur – Como?

Marilyn – O café. Com ou sem açúcar?

Arthur – Sem, obrigado.

Marilyn – Logo vi... Sem açúcar. Tal como nos teus filmes: nada de adoçar a realidade!

Arthur sorri sem responder. Marilyn começa a afastar-se.

Arthur *(ganhando coragem)* – Olha, podes trazer também um copo de água?

Marilyn sorri-lhe e segue caminho. Arthur vê-a afastar-se. O telemóvel continua a tocar; finalmente, atende.

Arthur – Cristina? Onde raio estás? Não me digas que perdeste o comboio! Eu disse-te para te despachares! É sempre a mesma coisa... Tanto me fazia que fosse um jornal de futebol ou outro, só queria ter alguma coisa para ler! E agora? Apanhas o próximo e eu espero por ti em Londres? Está bem... Que queres que faça? Temos alternativa? Pois... Liga-me depois.

Guarda o telemóvel.

Arthur – Eu bem sabia que esta escapadinha romântica ia acabar mal... *(O telemóvel volta a tocar.)* Outra vez...? Ah, Fred, és tu. Não, é a Cristina. Não vais acreditar: perdeu o comboio! O nosso, quero eu dizer. Não estou a brincar. Se conseguir outro bilhete, talvez venha mais tarde. Reservámos os nossos há três meses! Imagina: vou sozinho para Londres celebrar o aniversário de casamento! Bem... sozinho, não propriamente... *(Num tom mais cúmplice)* Aconteceu-me uma coisa extraordinária. Uma mulher sentou-se mesmo à minha frente, no lugar da Cristina, e confundiu-me com um realizador de cinema famosíssimo. Não sei qual! Não me deixou sequer explicar. Foi buscar-me um café e está completamente fascinada. Não sei se hei de aproveitar a situação... Três horas no Eurostar são muito tempo, sobretudo com o medo que tenho dos túneis. Ao menos distraio-me. Sim, é atriz. Nada mal, mas também não é nenhuma estrela de cinema... A cara dela é-me vagamente familiar, talvez de um anúncio. Não comeces! Sou casado, lembras-te? E não sei quanto tempo vou conseguir manter a farsa, porque percebo muito pouco de cinema. Vou ao cinema duas vezes por ano, quando vou. Olha, aí vem ela. Depois conto-te tudo. Até já!

Guarda rapidamente o telemóvel. Marilyn regressa com um café.

Marilyn *(com um grande sorriso)* – Cá está... Estava tão excitada que fiquei toda molhada...

Arthur olha-a, de olhos arregalados.

Marilyn *(esclarecendo)* – Com os solavancos do comboio, entornei o teu copo de água em cima de mim. Desculpa. Queres que vá buscar outro?

Arthur indica que não, com um sorriso magnânimo.

Marilyn *(entregando-lhe o café)* – Felizmente consegui salvar o café. Metade ficou no casaco de um senhor que estava a passar, mas acho que ainda sobrou qualquer coisa no fundo do copo.

Arthur – Obrigado...

Dá um gole. Trocam sorrisos embaraçados.

Arthur – Então és atriz...?

Marilyn – Sim, eu sei que preferias alguém mais conhecido para protagonista. Mas vais ver, em Londres vou surpreender-te... *(Arthur não parece perceber.)* No casting!

Arthur – Ah, sim, claro...

Marilyn – Tu és mesmo o Arthur Monero, o realizador, não és?

Arthur – Se tu o dizes...

Marilyn *(radiante)* – Nem acredito!

Ele limita-se a sorrir misteriosamente.

Marilyn – E como imaginas aquela cabra? *(Arthur olha-a, perplexo.)* A protagonista do teu filme! O que ela faz àquele pobre homem... Desculpa, não devia fazer-te perguntas sobre a personagem. Prometi não ser indiscreta e seria injusto para as outras candidatas. *(Incapaz de ficar quieta)* Mas estou tão entusiasmada... Arthur Monero, sentado à minha frente durante três horas! Tenho de aproveitar a oportunidade. *(Ele sorri.)* Posso fazer-te uma pergunta?

Arthur – Força...

Marilyn – É verdade que dormes com todas as protagonistas dos teus filmes?

Arthur – Ainda bem que prometeste não ser indiscreta...

Marilyn – Mas esta pergunta não é sobre o casting, por isso não conta.

Arthur *(entrando no jogo)* – Queres saber se é preciso ir para a cama com o realizador para conseguir um papel? Claro que não. Embora às vezes possa ajudar...

Marilyn – Estás a ver!

Arthur – Mas primeiro a atriz tem de ter talento, evidentemente.

Marilyn – Os homens são uns hipócritas. Os famosos andam sempre com modelos, mas dizem que se apaixonaram pela beleza interior... A propósito, em que hotel vais ficar em Londres?

Arthur – No Hilton, acho eu. É a minha assistente que trata dessas coisas. Devia ter vindo comigo no comboio, mas conseguiu perdê-lo.

Marilyn – Assim podemos fazer a viagem a sós...

Arthur – Pois... E tu?

Marilyn – Eu?

Arthur – Onde vais ficar?

Marilyn – Não tenho dinheiro para o Hilton. Mas tenho um amigo em Londres. Quer dizer, é só um amigo... É modelo.

Arthur – Ah, sim...

Marilyn – Aliás, ele é gay.

Arthur – Ah, ainda bem... Quero dizer...

Marilyn – E tu, ficas muitos dias em Londres, depois do casting?

Arthur – Hum... Não...

Marilyn – Pergunto por causa do tamanho da tua mala.

Arthur – Ah, sim... Está cheia de dossiês das candidatas para o casting. Pesa uma tonelada.

Marilyn – Então o meu também deve lá estar?

Arthur – De certeza. Mas são tantas... Muitas são chamadas, só uma será escolhida... *(Olha-a de alto a baixo.)* Também te mandaram despir?

Marilyn – Desculpa...?

Arthur – Na segurança, antes de embarcar, queria eu dizer...

Marilyn – Ah... Não.

Arthur – Pois...

Um silêncio embaraçado.

Marilyn – E para o casting? É preciso tirar a roupa?

Arthur quase engasga.

Arthur – Bem... Ainda não sei. Depende das candidatas, suponho... Porquê, estás interessada?

Marilyn – É que o guião tem algumas cenas bastante ousadas. Sei que há atrizes que recusam cenas de nudez. Só queria que soubesses que, para mim, não é problema.

Arthur – Está bem... Vou lembrar-me disso.

Marilyn – Queres dar uma vista de olhos?

Arthur – Aqui? No comboio?

Marilyn – Ao meu portefólio, quero eu dizer...

Arthur – Ah... Ao teu portefólio...

Marilyn – Às minhas fotografias de atriz!

Arthur – Claro, claro... Estava só a brincar.

Marilyn tira da mala o seu portefólio de fotografias e mostra-lho. Arthur observa-o, impressionado.

Arthur – Ah, sim... Tens, sem dúvida, muito talento...

Marilyn – Agora é quando me falas da minha beleza interior...

O telemóvel de Arthur interrompe-os. Ele atende, sem conseguir desviar os olhos das fotografias de Marilyn, que se adivinham bastante ousadas.

Arthur *(distraído)* – Estou...? Ah, Cristina. Desculpa, com o barulho do comboio não reconheci a tua voz. *(Tapando o microfone, para Marilyn)* Desculpa, é a minha assistente. *(Afasta-se.)* Sim, Cristina, aconteceu alguma coisa? Não estou a desvalorizar o problema, mas também não vamos fazer um drama. O quê? Não há bilhetes disponíveis antes do próximo mês? Não pode ser!

Sozinha, Marilyn retoca a maquilhagem, usando a janela imaginária do lado do público como espelho. Quando vê Arthur regressar, guarda o estojo e finge observar a paisagem.

Arthur – Ligo-te assim que chegar. Mas não prometo nada. Também não sei se conseguirei bilhete de regresso a Paris. Não, não estou contente com isto! Imaginas-me a passar o fim de semana sozinho em Londres? Tens uma grande novidade para me contar? Estás a assustar-me... *(Ao aproximar-se de Marilyn)* Ouve, tenho de desligar, vamos entrar no túnel. Porque é que digo «vamos»? Porque não estou sozinho na carruagem! Viajo em primeira classe, mas isto não é um compartimento privado do Expresso do Oriente. Pois, ainda vou ter a culpa de teres perdido o comboio... *(Guarda o telemóvel e sorri a Marilyn.)* Desculpa, tinha um pequeno problema para resolver. Agora sou todo teu...

Ela responde com um sorriso prometedor.

Marilyn – Eu também...

Escuro.

ATO II

Arthur e Marilyn continuam sentados frente a frente. Ela olha pela janela.

Marilyn *(entusiasmada)* – Já estamos no túnel!

Arthur – Ah, sim...?

Marilyn – É a primeira vez que faço esta viagem e, confesso, sinto um certo arrepio. E tu?

Arthur *(fingindo indiferença)* – Eu faço esta viagem pelo menos uma vez por mês, por isso...

Marilyn continua a espreitar pela janela, fascinada.

Marilyn – Já imaginaste? Estamos debaixo do Canal da Mancha!

Arthur *(a controlar-se)* – Pois estamos...

Marilyn *(desiludida)* – Mas afinal não se vê nada...

Arthur – O que esperavas ver? Peixes?

Ela sorri. O telemóvel de Arthur volta a tocar, mas ele não reage.

Marilyn – Não vais atender?

Arthur – Se atendesse todas as chamadas, nunca mais tinha sossego...

Marilyn volta a sentar-se à sua frente.

Marilyn – Tenho de te confessar uma coisa, Arthur...

Arthur – Sim...?

Marilyn – Afinal, não foi inteiramente por acaso que me sentei à tua frente.

Arthur – Ah, não...?

Marilyn – Passei por aqui há pouco, reconheci-te e, como o lugar estava vazio... Na verdade, o meu lugar é na carruagem seguinte, em segunda classe.

Arthur – Já desconfiava... Este era o lugar da Cristina. Quero dizer, da minha assistente, a que perdeu o comboio.

Marilyn – Se te incomodar, volto para o meu lugar...

Arthur *(magnânimo)* – Neste meio, para triunfar é preciso ter tomates... Podes ficar.

Marilyn – Obrigada! Sei que ainda tenho muito a aprender, mas um dia também vou ficar num grande hotel de Cannes e subir as escadas do Festival com um vestido de duzentos mil euros!

Arthur sorri, condescendente.

Marilyn – Conta-me... Como é Cannes?

Arthur – Quando se tem de ir lá todos os anos, acaba por ser uma maçada.

Marilyn – Mesmo assim...

Arthur – No fundo, Cannes é uma grande feira. Já foste a uma feira agrícola?

Marilyn *(surpreendida)* – Uma vez, com o meu pai... Há muitos anos.

Arthur – Pois Cannes é parecido. Só que, em vez das vacas, são as celebridades que concorrem à Palma de Ouro.

Marilyn – Falas assim porque já estás habituado.

Arthur – Quando não tenho nenhum filme em competição, adoro ficar em casa durante o Festival. Como toda a gente está em Cannes, o telefone deixa de tocar durante uma semana e posso trabalhar em paz!

Nesse preciso momento, o telemóvel de Arthur volta a tocar.

Marilyn – Mais uma estrela desesperada pelo papel...?

Arthur – Pensei que no túnel não houvesse rede. Afinal, nem debaixo do mar se consegue um momento de descanso...

Marilyn – Deixo-te em paz durante uns minutos. Não quero ser indiscreta, sobretudo se for uma das tuas muitas conquistas... *(Afasta-se e volta a cabeça.)* Mas não te esqueças: estou disposta a ir muito longe para conseguir este papel.

Arthur fica perturbado. O toque insistente do telemóvel traz-lhe de volta à realidade. Atende.

Arthur – Sim, Cristina... Não encontrava o telemóvel. Então? Talvez consigas outro bilhete? Claro que fico contente! É o nosso aniversário de casamento, afinal. Está bem... E qual era a grande novidade que tinhas para me dar? Ouço-te muito mal... Estamos no túnel. Até admira que a ligação tenha aguentado tanto tempo. *(Ouve-se o ruído de uma travagem.)* Estou...? Cristina? Estás a ouvir-me?

Marilyn regressa. Arthur observa em redor, inquieto.

Arthur – Ficámos sem ligação... Mas o que é que se passa?

Marilyn – Não sei... Parece que o comboio parou.

Ouve-se uma voz pelos altifalantes.

Voz off – Senhoras e senhores passageiros, o Eurostar encontra-se momentaneamente parado devido ao acionamento do sinal de alarme por um passageiro. Estamos a tentar apurar o motivo do incidente. Agradecemos a vossa compreensão.

Arthur – Eu sabia! Nunca devia ter entrado neste túnel...

Marilyn – Deve ser só uma paragem breve. Já vamos arrancar outra vez.

Arthur – Devia ter vindo de barco!

Marilyn – Os barcos também se afundam. Lembra-te do Titanic: mil e quinhentos mortos... Mas milhões de espectadores no cinema. Não é fascinante?

Arthur – Já afundei metade das minhas poupanças em ações do Eurotúnel... E agora ainda vou eu ao fundo! Será que nos vão explicar o que se passa?

Marilyn *(levantando-se)* – Vou tentar saber.

Arthur *(apavorado)* – Não me deixes aqui sozinho!

Marilyn – É só um instante. Já volto, não te preocupes.

Ela afasta-se. Arthur fica sozinho, cada vez mais ansioso.

Arthur – Já sinto água a escorrer-me pela perna... Não me digam que fiz chichi nas calças... *(Mete a mão no bolso e tira a pequena garrafa.)* Raios! Esqueci-me de a fechar. *(Tenta beber, mas está vazia.)* Nem uma gota! *(Pega no telemóvel.)* E agora não tenho rede... É o princípio do fim. Nem vou poder deixar uma última mensagem à Cristina a dizer que a amo, antes de a água entrar na carruagem... Como aquelas pessoas presas nas torres de Nova Iorque... *(Pausa)* E aquela idiota perdeu o comboio. Se calhar acabou por lhe salvar a vida. A intuição feminina... Parecia que adivinhava!

Marilyn regressa.

Arthur *(aflito)* – Então? Sabes alguma coisa?

Marilyn – Disseram-me que houve um incidente com um passageiro. Mas sabes como são estas coisas... Nos comboios, às vezes é um suicídio. Aqui, com tanta água por cima de nós, imagina o que poderá ser... Não querem alarmar as pessoas.

Arthur – É como nos aviões antes de uma queda... Meu Deus! E se for um atentado terrorista?

Marilyn – Não podemos excluir essa hipótese... Pelo menos, tive a sorte de te conhecer antes de morrer queimada e afogada.

Arthur – É um castigo divino! Lembras-te daquela torre de que fala a Bíblia?

Marilyn – As Torres Gémeas aparecem na Bíblia?

Arthur – A Torre de Babel! Nunca deviam ter construído este túnel. É contra a natureza! Inglaterra devia continuar a ser uma ilha.

Marilyn – Cheira-me a álcool... Ou a querosene, não achas?

Arthur – O Eurostar anda a querosene?

Marilyn – Ou a álcool de queimar...

Arthur – Ah, não... Isso é só o uísque que se entornou no meu bolso. *(Mostra a garrafa vazia.)* E pensar que nem sequer vou conseguir dizer-lhe uma última vez que a amo...

Marilyn – A quem?

Arthur – À Cristina!

Marilyn – Estás apaixonado pela tua assistente?

Arthur *(olhando para a garrafa)* – E se lhe deixasse uma mensagem dentro desta garrafa? Talvez flutuasse até à superfície. Tens papel e caneta?

Voz off – Senhoras e senhores passageiros, a presença de uma mala suspeita obriga-nos a permanecer no túnel enquanto a segurança verifica se contém um engenho explosivo. Uma explosão neste local teria consequências gravíssimas. Pedimos-vos

que permaneçam sentados e mantenham a calma. Daremos novas informações assim que possível.

Arthur – Mas porque é que estes malucos não nos tiram imediatamente daqui? Deixam-nos à espera de que a bomba rebente!

Marilyn – Talvez tenham receio de que o movimento do comboio faça explodir a bomba. Como naquele filme do camião carregado de nitroglicerina... Um grande clássico do suspense.

Arthur – Vamos morrer, tenho a certeza!

Marilyn – E sem realizarmos os nossos sonhos... Tu nunca farás o filme que seria o ponto alto da tua carreira. E eu nunca subirei as escadas do Festival de Cannes ao teu lado, como estrela desse filme.

Arthur – Cala-te, por amor de Deus! Ainda nos dás azar!

Marilyn – Diz-me uma coisa, Arthur: o que farias se soubesses que só te restavam dez minutos de vida?

Arthur *(atónito)* – Fazia... as malas?

Marilyn – Pensa bem. Dez minutos antes de uma morte certa, sem teres de enfrentar as consequências dos teus atos. O que farias?

Arthur – Não sei... Assaltava um banco?

Marilyn – Em dez minutos nem tempo tinhas para gastar o dinheiro.

Arthur – Em compensação, se me apanhassem, também não ficaria mais de dez minutos na prisão...

Marilyn – A mim, a ideia da morte excita-me... Eros e Tânatos, percebes?

Arthur – Eros e quem...?

Marilyn – Dez minutos, Arthur. Talvez menos. Para realizar uma última fantasia. *(Provocadora)* Já fizeste amor na casa de banho de um Eurostar?

Arthur olha para ela como um coelho encandeado pelos faróis de um carro.

Arthur – Dez minutos...?

Marilyn *(pegando-lhe na mão)* – Acredita em mim, Arthur... Não nos encontrámos por acaso neste túnel. Foi o destino.

Leva-o pela mão até à extremidade da carruagem.

Escuro.

ATO III

Arthur e Marilyn estão novamente sentados frente a frente no Eurostar, que continua parado. Arthur, atordoado, inclina-se para a janela.

Arthur – Parece-me ver uma luz ao fundo do túnel... Achas que já morremos?

Marilyn *(suspirando)* – Já passaram dez minutos e não houve nenhuma grande explosão... De espécie nenhuma.

Arthur – Desculpa, mas a ideia de morrer primeiro queimado e depois afogado no fundo do Canal da Mancha não me excita nada.

Marilyn – Estava a falar da bomba. Já passaram dez minutos e o comboio ainda não explodiu. Talvez tenha sido um falso alarme... *(Com um sorriso inquietante)* E afinal teremos de enfrentar as consequências dos nossos atos.

Arthur *(ainda preso aos seus pensamentos)* – E essa ideia de gravares o que fizemos com o meu telemóvel também não ajudou...

Marilyn – Não gostas de ser filmado, Arthur? Para um realizador, é o feitiço a virar-se contra o feiticeiro...

Arthur – A propósito... Quero o meu telemóvel de volta.

São interrompidos por um anúncio nos altifalantes.

Voz off – Senhoras e senhores passageiros, identificámos a proprietária da mala abandonada na carruagem número oito. Segundo a etiqueta, pertence à senhora Fernandez, residente em Paris. Se estiver a bordo, pedimos-lhe que se apresente imediatamente a um membro da equipa para recuperar a bagagem. Caso contrário, a equipa de segurança terá de a retirar e destruir, para que possamos prosseguir a viagem.

Arthur – Bolas! É a mala da Cristina!

Marilyn – O quê?

Arthur – Quer dizer, é a mala da minha assistente. Deve tê-la deixado noutra carruagem antes de sair para comprar revistas.

Marilyn – E antes de perder o comboio... Não era mais fácil mudares de assistente?

Arthur – Tenho de recuperar aquela mala! Claro! Ela não a levava quando me despedi dela na estação de Paris! Mata-me se eu deixar que os especialistas em explosivos lhe rebentem com o guarda-roupa todo!

Levanta-se de um salto. Nesse instante, Marilyn repara na mala que continua sobre o banco, ao lado deles.

Marilyn – Então e esta mala, é de quem?

Arthur fica paralisado.

Arthur – Pois... Tens razão...

Marilyn – Se calhar é esta que tem a bomba... Ninguém sabe quem a deixou aqui. *(Dramática)* Aconselho-te a sentares-te muito devagar e a não espirrares.

Arthur hesita, sem saber o que fazer.

Arthur *(aterrorizado)* – Meu Deus! Temos de avisar a polícia!

Marilyn – Podes avisar, mas isso significa passar mais uma hora debaixo de água. E temos um casting à nossa espera... *(Levanta-se.)* Seja como for, há que correr riscos.

Marilyn agarra firmemente a mala.

Arthur – Estás doida? O que vais fazer?

Marilyn – Não disseste que, para triunfar no cinema, é preciso ter tomates?

Arthur – Eu disse isso?

Marilyn abre a mala de repente, diante de Arthur, horrorizado.

Arthur – Não!

Não acontece nenhuma explosão.

Marilyn – Vês? Não havia nada a temer.

Arthur – Eu também não estava assim tão preocupado... *(Intrigado)* Mas o que é que está lá dentro?

Marilyn examina o conteúdo. Tira um secador de cabelo e aponta-o a Arthur como se fosse uma pistola, assustando-o de novo.

Marilyn – Isto não me parece uma bomba...

Arthur continua desconfiado. Marilyn tira da mala um documento encadernado.

Marilyn – Olha só! *(Folheia-o.)* É o guião do teu filme!

Arthur – De que filme estás a falar?

Marilyn – Do teu, de qual haveria de ser? A mala é tua... Quer dizer, é da tua assistente.

Arthur *(perdido)* – Ah... Pois...

Marilyn continua a remexer na mala e tira de lá roupa interior muito sensual.

Marilyn – Estou a ver que não tinhas intenção de te aborrecer em Londres...

Arthur fica de boca aberta, mas não tem tempo de responder. Ouve-se uma explosão abafada.

Arthur *(em pânico)* – Pronto! É o fim! Ouviste a explosão?

Marilyn – Não te preocupes. Devem ter acabado de fazer explodir a mala da senhora Fernandez.

Arthur levanta-se num salto, apavorado.

Arthur – Não!

Marilyn – Calma. Não foi esta mala. É esta que pertence à tua assistente, não é? *(Aponta para a mala aberta e olha pela janela.)* Olha! Parece que já estamos a andar!

Arthur tenta reagir, desesperado. Ela sorri.

Marilyn – Daqui a uma hora estamos em Londres. Relaxa!

Arthur procura acalmar-se.

Arthur – Tens razão... Afinal, é só uma mala. As companhias aéreas também perdem bagagem todos os dias...

Marilyn – Exatamente!

Arthur *(para si)* – Vou ter de contar isto à Cristina...

Marilyn – Queres ver o vídeo?

Arthur *(fingindo não perceber)* – Não sabia que passavam filmes no Eurostar, como nos aviões... Será que também vêm servir uma refeição?

Marilyn tira o telemóvel de Arthur e mostra-lho.

Marilyn *(maliciosa)* – Estou a falar do vídeo que gravei há pouco com o teu telemóvel... Não me digas que já te esqueceste...

Arthur – Nem sei como aconteceu. Desculpa... Foi a primeira vez que fiz uma coisa destas.

Marilyn – É o que dizem todos os homens. Não te preocupes, acontece...

Arthur – Não estou a falar disso! Não costumo fazer amor com desconhecidas na casa de banho de um comboio.

Marilyn *(divertida)* – Uma desconhecida...?

Arthur – Convenceste-me de que ia morrer em dez minutos. Se não fosse isso, nunca me teria passado pela cabeça fazer amor contigo.

Marilyn – Não sei como hei de interpretar isso...

Arthur – Desculpa, não te queria ofender.

Marilyn – Pelo menos, já ensaiámos uma parte do papel juntos. *(Olha para o ecrã.)* É um filme amador, claro, mas ficou bastante bem. A imagem é nítida... Reconhece-se perfeitamente a tua cara.

Arthur fica cada vez mais apreensivo.

Marilyn – Vai ser uma bela recordação da nossa viagem no Eurostar...

Arthur tenta recuperar o telemóvel.

Arthur – Acho que devíamos...

Ela afasta-se, mantendo o aparelho fora do alcance dele.

Marilyn – Achas que a tua assistente ia gostar? Bastava procurar a última chamada e enviar-lhe o meu primeiro filme. Sinto que a minha carreira está prestes a começar...

Arthur olha-a cada vez mais preocupado, levanta-se e tenta tirar-lhe o aparelho.

Arthur – Dá-me o telemóvel!

Marilyn – Se não te sentas já, começo a gritar, rasgo a roupa e digo que me violaste na casa de banho!

Arthur – Mas...

Marilyn – Há realizadores cuja carreira acabou por muito menos.

Arthur – A minha carreira de realizador, sim... Mas, para dizer a verdade, preferia que a minha assistente não soubesse deste pequeno deslize.

Marilyn – Um pequeno deslize...? Garanto-te que ainda vais desejar que o comboio tivesse explodido no fundo do Canal da Mancha.

Arthur fica completamente aterrorizado.

Arthur – Mas quem és tu, afinal?

Marilyn transforma-se subitamente numa figura ameaçadora e fulmina-o com o olhar.

Marilyn – O teu pior pesadelo.

Arthur fica sem palavras.

Arthur – Está bem... Eu também não sou o Arthur Monero...

Marilyn *(irónica)* – Nem eu sou a Marilyn Milor.

Arthur – Não és?

Marilyn – Pronto, agora ainda gozas comigo!

Arthur – Não estou a gozar, juro! Admito que me aproveitei um pouco do engano. Mas não sou o Arthur Monero.

Marilyn – És um porco, é isso que és! Um porco!

Arthur – Mas que queres de mim?

Marilyn – Quero aquele papel!

Arthur – Que papel?

Marilyn – O papel principal do teu novo filme! O casting em Londres! Ou sou eu ou não é ninguém!

Arthur – Isso vai ser impossível, receio bem...

Marilyn – Muito bem. *(Prepara-se para usar o telemóvel.)* Vou enviar o vídeo.

Arthur – Não, por favor!

Marilyn – Então afinal és mesmo o Arthur Monero!

Arthur – A verdade é que...

Ela olha-o com desprezo.

Marilyn – Não te lembras mesmo de mim?

Arthur – Devia lembrar-me?

Marilyn – Foi em Cannes... Estás a pensar que sou louca, não estás?

Arthur – Deves estar a confundir-me com outra pessoa.

Marilyn – Fui a Cannes à procura de um realizador que me desse um papel, como tantas outras jovens atrizes. Conhecemo-nos depois de uma sessão de cinema, num clube privado onde consegui entrar porque conhecia o segurança.

Arthur – Nunca me teria esquecido de uma mulher como tu...

Marilyn – Depressa percebi que, para conseguir um papel, teria de pagar o preço... no Martinez.

Arthur – Martinez? Mas não era suposto eu chamar-me Arthur Monero?

Marilyn – O hotel Martinez, em Cannes! Refiro-me à suíte onde estavas instalado nesse ano.

Arthur – Ah, sim... Claro...

Marilyn – Mas em vez de me levares para a tua suíte, arrastaste-me para um hotel barato, às cinco da manhã. Tinhas vergonha de mim, não tinhas?

Arthur – Vergonha de ti? De maneira nenhuma! Além disso, esses hotéis económicos até nem são maus... Eu e a minha mulher ficamos muitas vezes neles. Quero dizer... eu e a minha assistente...

Marilyn – Não sou tão ingénua como pensas. Neste meio, como tu próprio disseste, temos de estar dispostos a tudo para subir na vida.

Arthur – Também há homens que se vendem para conseguir o que querem...

Marilyn – O que não te perdoo é não me teres telefonado depois do Festival, como prometeste, nem me teres oferecido um papel, por pequeno que fosse, para compensar o meu sacrifício.

Arthur – Sacrifício? Ainda há pouco foste tu que te atiraste a mim!

Marilyn – Precisamente. Era a minha segunda tentativa.

Arthur – Segunda tentativa de quê?

Marilyn *(mostrando o telemóvel)* – De te apanhar numa armadilha e arranjar uma moeda de troca. Além disso... *(Aproxima-se e segura-lhe o queixo, ironicamente.)* Desta vez, meu querido, não estiveste à altura... Da primeira vez aguentaste mais tempo.

Arthur – Juro-te que...

Marilyn – Não acredito que não me tenhas reconhecido quando me sentei à tua frente!

Arthur – É que eu... *(Ela lança-lhe um olhar ameaçador.)* Repito: não sou o Arthur Monero. Não sou realizador e nem sequer gosto muito de cinema. Só vejo filmes na televisão quando não há futebol.

Marilyn – Francamente, esperava uma desculpa mais convincente. Achas que vou acreditar numa história dessas?

Arthur – Mas...

Marilyn – Chegou a hora de me vingar, Arthur. E, ao vingar-me de ti, vou vingar todas as vítimas das tuas mentiras. Vai ser o papel da minha vida!

Arthur – Está bem, menti-te. E estou disposto a pagar por isso.

Marilyn – Estamos a fazer progressos...

Arthur – Mas a única vez que fui a Cannes foi para um seminário de motivação de vendedores. Sou representante de roupa interior masculina!

Marilyn – Outra vez essa história? *(Pega no telemóvel.)* Desta vez envio mesmo o vídeo!

Arthur – Espera!

Marilyn tenta enviar o vídeo, mas não tem rede.

Marilyn – Tens sorte por ainda estarmos no túnel. Aqui não há rede... Mas não falta muito para sairmos.

Arthur – Juro que posso explicar tudo.

Marilyn – Sem mais mentiras, se faz favor.

Arthur – É verdade que não te corrigi quando me confundiste com aquele famoso realizador...

Marilyn – Escolhe bem as próximas palavras...

Arthur – Quis impressionar-te para te seduzir e, com um pouco de sorte, acabar na cama contigo.

Marilyn – Pois, na cama também não és propriamente uma estrela...

Arthur – Desculpa ter-te mentido. Mas não sou o Arthur Monero. *(Abre um grande sorriso.)* E posso prová-lo!

Marilyn – Ah, sim?

Arthur *(metendo a mão no bolso)* – Basta mostrar-te o meu documento de identificação. *(Procura por toda a parte; o sorriso desaparece.)* Bolas! Estava na mala!

Marilyn – Em que mala?

Arthur – Na que fizeram explodir!

Marilyn *(apontando para a mala no banco)* – A tua mala está aqui.

Arthur – Essa é a mala do verdadeiro realizador!

Marilyn – És mesmo patético.

Arthur – Juro que digo a verdade! E onde é que está esse realizador? Deve estar no comboio, porque deixou aqui a mala... *(Levanta-se.)* Vou procurá-lo. Assim vais ver que não sou eu!

Marilyn observa-o, desconfiada.

Marilyn – Está bem. Tens dez minutos. Não podes fugir de um comboio em andamento, a trezentos quilómetros por hora, debaixo do mar... *(Mostra-lhe o telemóvel.)* E daqui a dez minutos já devemos estar fora do túnel. Nessa altura...

Arthur – Daqui a dez minutos estamos fora do túnel? Deus te ouça!

Voz off – Senhoras e senhores passageiros, recordamos que o bar se encontra na carruagem número nove, com bebidas quentes e frias, sanduíches e sobremesas a preços muito especiais.

Marilyn segue com os olhos Arthur, que se afasta a falar sozinho, cada vez mais perturbado.

Arthur – Tem de ser um sósia meu... Vou reconhecê-lo de imediato. *(Vira-se uma última vez para Marilyn.)* Se calhar está no bar!

Marilyn fica sozinha e sorri. O telemóvel de Arthur, que tem na mão, começa a tocar. Atende.

Marilyn – Estou...? Não, sou a nova assistente dele. Neste momento não pode atender. Quer deixar recado? Está grávida de um filho dele? Muito bem, eu digo-lhe. Posso perguntar o seu nome, caso ele lhe queira ligar? Cristina? Perfeitamente. Muito obrigada.

Desliga e volta a sorrir.

Marilyn – Quem disse que não havia rede neste comboio? *(Procura o contacto no telemóvel.)* Cristina... Cá está! *(Envia o vídeo.)* Isto vai ser um belo presente de aniversário...

Escuro.

ATO IV

Marilyn está a consultar o guião. Arthur regressa, irritado.

Arthur – O que estás a fazer?

Marilyn – Estou a estudar o meu papel, já que vou ser a protagonista. A menos que tenhas encontrado o teu sósia...

Arthur – Percorri o comboio de ponta a ponta, observei todos os passageiros e não encontrei ninguém minimamente parecido comigo!

Marilyn – Ainda bem para eles...

Arthur *(à beira de um ataque de nervos)* – Devem ter pensado que eu era maluco. Não percebo... Talvez o verdadeiro realizador também tenha perdido o comboio. Devia telefonar à Cristina para saber se ele ficou com ela...

Marilyn – Chegou a hora de falarmos a sério. Ando há meses a preparar a minha vingança. Quando soube que o casting era em Londres, calculei que viajarias neste comboio. Tenho tudo previsto. *(Tira um contrato e mostra-lho.)* Aqui está o contrato para o papel principal do teu filme.

Arthur – Que eficiência...

Marilyn – Como vês, o meu cachê é bastante razoável.

Arthur dá uma vista de olhos ao contrato.

Arthur – Duzentos mil euros...? *(Irónico)* Sim, muito razoável...

Marilyn – Só tens de assinar aqui em baixo.

Arthur – Não vai servir de nada, garanto-te.

Marilyn olha pela janela.

Marilyn – Olha! Já saímos do túnel! Agora nem sequer podes contar com a falta de rede para impedir que eu envie o vídeo à tua assistente!

O telemóvel toca no preciso momento em que ela o tira da mala. Trocam um olhar.

Arthur – Porque não atendes? Assim verás que não é a minha assistente, nem ninguém à procura de um realizador.

Marilyn – Está bem. *(Atende.)* Estou...? Quem fala? Desculpe, deve ter-se enganado no número. *(Desliga.)* Quem é a senhora Fernandez?

Arthur – É a minha mulher. Íamos a Londres celebrar o nosso aniversário de casamento. Conhecemo-nos lá.

Marilyn – Então é mesmo verdade que não és o Arthur Monero?

Arthur *(aliviado)* – É o que te ando a dizer há horas! Agora acreditas?

Marilyn *(furiosa)* – És um monstro!

Arthur – Porquê?

Marilyn – Quando nos conhecemos naquele clube em Cannes, deixaste-me pensar que eras um realizador para te aproveitares de mim!

Arthur – Juro que nunca entrei naquele clube... Havia de me lembrar... Quer dizer, acho que me lembrava...

Marilyn – És um impostor, um depravado! Nem sequer podias dar-me um papel de figurante! Ao menos agora percebo porque nunca telefonaste!

Arthur – Fazer-me passar por outro para me aproveitar de uma mulher? Nunca fiz uma coisa dessas e nunca faria!

Marilyn – Mas foi precisamente isso que fizeste há pouco, neste mesmo comboio. Fizeste-te passar pelo Arthur Monero!

Arthur – Tu lançaste o isco e eu mordi!

Marilyn – Ah, então a culpa ainda é minha! Gozaste comigo, não foi? És ainda pior do que eu pensava!

Arthur – Porque é que não acreditas em mim?

Marilyn – Se parasses de mentir...

Arthur – Ouve... Não sei se fui ou não a esse clube. Não me lembro. Talvez estivesse bêbedo. Não imaginas como são aborrecidas as convenções de vendedores de roupa interior masculina. A malta bebe para aguentar... Mas o que foi que aconteceu entre nós naquele hotel barato?

Marilyn – No Ibis! Era o hotel Ibis! Queres que te conte os pormenores?

Arthur – Não, acredito em ti! Mas o que posso fazer para que me perdoes? Sinto muito... Só te posso garantir uma coisa: não sou realizador e, mesmo que quisesse dar-te aquele papel, não podia.

Marilyn – Então ias mesmo a Londres celebrar o teu aniversário de casamento...

Arthur – Ia...

Marilyn – Nesse caso, é à tua mulher que vou enviar o vídeo. Assim ficará a saber com quem casou! Apanhaste o comboio sozinho no dia do aniversário e foste para a casa de banho com uma desconhecida. Que nojo!

Arthur – Tenho vergonha de mim... Mas, bem... sou um homem...

Marilyn – E isso dá-te o direito de fazeres o que te apetecer? A senhora Fernandez vai perceber muito bem com quem se casou!

Marilyn pega no telemóvel.

Arthur – Não, por favor! Não hoje, no dia do nosso aniversário! *(Procura nos bolsos e tira um maço de notas.)* Toma, são mil libras. Dou-tas!

Marilyn – Quem julgas que eu sou? Achas que me podes comprar assim, como a um jogador de futebol?

Arthur – Desculpa, voltei a meter os pés pelas mãos. Mas isto paga-te a estadia em Londres para o casting. Tenho a certeza de que tens talento e vais conseguir o papel.

É a oportunidade da tua vida! Com este dinheiro, até podes ficar no Hilton e conhecer o verdadeiro realizador.

Marilyn – Achas que ainda vou a tempo de tentar?

Arthur – Claro! És uma grande atriz, acabaste de o demonstrar. E tens a aparência... e a determinação necessárias.

Marilyn hesita, mas acaba por aceitar o dinheiro.

Marilyn – Está bem... Mas quem fica a ganhar és tu!

Arthur – Eu sei...

Voz off – O Eurostar número 3212 está a chegar à estação de Londres St Pancras, fim de linha. Pedimos a todos os passageiros que desembarquem. Para as ligações a Paris, consultem os painéis da estação.

Arthur – Acho que vou apanhar o primeiro comboio de regresso. Podes devolver-me o telemóvel, por favor?

Marilyn – Está bem. Mas antes quero mais uma garantia, para ter a certeza de que não vais denunciar-me à polícia por ter ficado com as libras.

Arthur *(inquieto)* – Juro que...

Marilyn – Compreendes que, depois disto tudo, não posso confiar na tua palavra.

Arthur – Está bem... Que mais queres?

Marilyn – Vem comigo à casa de banho.

Arthur – Outra vez?

Marilyn – Ah, e fico com esta mala. Vou entregá-la ao verdadeiro Arthur Monero. Assim, ficará a dever-me um favor. Espero que não seja tão repugnante como tu...

Marilyn deixa o guião num dos bancos, pega na mala e leva Arthur para a casa de banho. Escuro.

ATO V

A mesma carruagem, agora vazia. Passado um momento, Arthur entra sozinho, de ar miserável... e em cuecas.

Voz off – Senhoras e senhores, agradecemos a vossa preferência pelo Eurostar. Esperamos que tenham tido uma boa viagem. Antes de desembarcar, verifiquem se não se esquecem de nenhum objeto pessoal. Desejamos-vos uma excelente estadia em Londres.

Arthur tem um aspeto lamentável. O telemóvel toca e ele atende maquinalmente.

Arthur *(num tom monocórdico)* – Cristina...? Conseguiste bilhete? Chegas cá dentro de meia hora? Ótimo... Não, está tudo bem, garanto-te... Quem era a mulher que atendeu o meu telemóvel? Não faço ideia... Sim, o número é meu... Está bem, falamos quando chegares. Que filme? Ah... O vídeo... Aquela desgraçada! Posso explicar tudo. Pelo menos deixa-me tentar... E qual era a grande novidade que querias contar-me? Queres o divórcio? Ouve, falamos disso depois, não achas? *(Afasta o aparelho do ouvido por causa dos gritos de Cristina.)* Tenho de desligar, estou a ficar sem bateria...

Guarda o telemóvel como um zombie. O guião continua sobre o banco ao lado. Pega nele e começa a ler, mas o telemóvel toca de novo.

Arthur – Fred? Estou metido numa grande confusão... É complicado de explicar. Lembras-te daquela discoteca em Cannes, depois do nosso seminário de vendas? Ah, fomos lá? E eu estava completamente bêbedo? Meu Deus... Lembras-te de me teres visto com uma tal Marilyn?

Enquanto fala, repara no título do guião.

Arthur *(lendo)* – «Euro Star», um filme de Arthur Monero... com Marilyn Milor... Não, Fred, estou a ler o título de um guião. Sim, Arthur Monero é o nome do realizador. E Marilyn Milor... Não te faz lembrar ninguém? Arthur Miller e Marilyn Monroe? Ah, esses nomes conheço... Então achas que...? Não, não te incomodes. Obrigado, Fred.

Desliga, deixa-se cair no banco e abre o guião na primeira página.

Arthur *(lendo)* – Marilyn: «Desculpa, mas acho que a tua mala está sentada no meu lugar...» *(Deixa cair o guião, completamente atónito.)* Pois... Tenho a certeza de que ela vai ter uma grande carreira...

Escuro.

EPÍLOGO

A mesma carruagem. Um homem está sentado, com o rosto escondido atrás de um jornal desportivo. A mala que parecia pertencer ao verdadeiro Arthur Monero ocupa o banco à sua frente.

Voz off – O Eurostar número 3223, com destino a Paris Gare du Nord, está prestes a partir. Atenção ao fecho automático das portas.

Marilyn entra exatamente como no início da peça, puxando a pequena mala de rodas. Passa pelo homem, olha para ele, continua a andar... e volta atrás.

Marilyn – Peço desculpa por incomodar, mas reconheci-o imediatamente...

O homem começa a baixar o jornal para lhe responder.

Escuro.

FIM

O autor

Nascido em 1955 em Auvers-sur-Oise (França), Jean-Pierre Martinez começou como baterista em diversas bandas de rock, antes de se tornar semiologista publicitário. Foi depois argumentista de televisão e regressou ao palco como dramaturgo.

Escreveu cerca de uma centena de guiões para televisão e cerca de 120 comédias para teatro, algumas das quais já se tornaram clássicas (*Sexta-feira 13* ou *Strip Poker*). É hoje um dos autores contemporâneos mais representados em França e nos países francófonos. Além disso, várias das suas peças, traduzidas para espanhol e inglês, estão regularmente em cartaz nos Estados Unidos e na América Latina.

No entanto, os direitos de representação, que constituem uma remuneração justa pelo trabalho do autor, são uma obrigação legal. Quer se trate de uma companhia amadora ou profissional, é necessário solicitar autorização para representar a peça e pagar os respetivos direitos de autor relativos à produção.

Jean-Pierre Martinez é representado pela Sociedade Francesa de Autores (SACD).

Para entrar em contacto com Jean-Pierre Martinez e solicitar autorização para representar uma das suas obras, utilize o formulário de contacto disponível nos seus sites :

https://jeanpierremartinez.net/
https://comediatheque.net/

Depois de ter iniciado o seu percurso como baterista, Jean-Pierre Martinez regressou recentemente à música, criando canções originais inspiradas nos seus poemas e nas suas peças de teatro.

Com Jean-Pierre Martinez Music, prolonga esse universo sob a forma de canções originais: narrativas breves, humorísticas ou melancólicas, nas quais a canção se torna, por vezes, uma pequena cena teatral.

https://jeanpierremartinezmusic.com/

Peças de teatro do mesmo autor, traduzidas em português

Monólogos

Como um peixe no ar
Happy Dogs

Comédias para 2

A Corda
A janela da frente
Arrependimento
Cara ou coroa
Cuidado frágil
Ela e Ele
Encontro na plataforma EuroStar
Há um piloto a bordo ?
Nem sequer morto
No fim da linha
O Joker
O Roupão
Os Náufragos do Costa Mucho
Preliminares
Réveillon na morgue
Roleta russa no Kremlin
Um Sonho de Casa
Uma Vocação Frustrada

Comédias para 3

Cartas na mesa
Coisas do Acaso
Crash Zone
Cuidado frágil
Horizontes
Ménage à trois
Plágio
Por debaixo da mesa
Sexta-Feira 13
Um breve instante de eternidade
Um pequeno assassinato sem consequências
Um pequeno passo para uma mulher, um salto no vazio para a Humanidade…

Comédias para 4

Apenas um instante antes do fim do mundo
As Pirâmides
Cama e Café
Crise e castigo
De volta aos palcos
Déjà vu
Denominação de Origem não Controlada
Depois de nós, o dilúvio!
Despedida de Casados
Gay friendly
Há algum crítico na sala?
Há um autor na sala?
Happy Hour
O amor é cego
O aquário
O cheiro do dinheiro
O contrato
O cuco
O genro perfeito
Os nossos piores amigos
Os Sogros Ideais
Os Turistas
Quarentena
Quatro estrelas
Réquiem por um Stradivarius
Ressaca
Retrato de família
Sexta-feira 13
Strip Poker
Um caixão para dois
Um casamento em cada dois
Um esqueleto no armário
Um Sonho de Casa
Uma noite infernal

Comédias para 5 ou 6

Bem está o que mal começa
Crise e Castigo
Engarrafamento no Caminho do Cemitério
Era uma vez na web
Flagrante delírio
Happy Hour
O Rei dos idiotas
O Sorteio do Presidente
Os Náufragos do Réveillon
Os Rebeldes
Prognóstico reservado
Réveillon na esquadra
Sem flores nem coroas
Um Boulevard Sem Saída

Comedias para 7 ou mais

A Aldeia Mais Bonita de França
A pior aldeia de Portugal
A representação não está cancelada
Batas brancas e humor negro
Bem-vindos a bordo!
Como um filme de Natal...
Corações Abertos
Crise e Castigo
De legumes e livros
Dedicatória Especial
Erro da funerária a teu favor
Fora de jogo
Jogo de Escape
Milagre no convento de Santa Maria-Joana
Nem sempre a música amansa...
Nicotina
O Jackpot
O reverso do cenário
O Sorteio do Presidente
Os Flamingos azuis
Pré-histórias Grotescas
Reality Show
Réveillon na esquadra
Um Sonho de Casa
Uma aldeia tão bonita
Uma herança pesada
Xeque-Mate

Sketches

A ratos
Albano e Eva
Apocalipse
Aviso de passagem
Breves de confinamento
Breves de palco
Breves do jardim
Breves do tempo perdido
Calma!
Cenas de rua
Corações Abertos
De Animais e Homens
De todas as cores
De verdade e de brincadeira
Demasiado é demasiado!
Dramédias
Ela e Ele
Em branco
Entre Bastidores
Histórias insólitas
Matadores de piadas
Memórias de uma mala
Morrer de Rir
Nicotina
O Balcão
Sem Sentido Proibido

Todas as peças de Jean-Pierre Martinez
podem ser descarregadas gratuitamente nos seus sites
https://comediatheque.net
https://jeanpierremartinez.net/

Este texto é protegido pelas leis relativas ao direito de propriedade intelectual.
Todas as contrafações são puníveis,
com multa até 300.000 euros e 3 anos de prisão.

Avinhão – Agosto de 2023
© La Comédiathèque
ISBN 978-2-37705-981-2

Documento para download gratuito